

A CASA DE MARLENE: FRAGMENTO REFLEXIVO

MARLENE'S HOUSE: REFLECTIVE FRAGMENT

Suely da Silva Nascimento / UFPA

RESUMO

O artigo apresenta um fragmento da pesquisa “A casa de Marlene”, que desenvolvo no Doutorado Acadêmico em Artes, da Universidade Federal do Pará. Uma criação na linha de poéticas e processos de atuação em artes, de memórias familiares e afetivas, em que se fundem fotografia, vídeo, som, aroma e sentimento. Em determinado momento do processo criativo para a construção de uma fotoinstalação, senti necessidade de conhecer mais sobre o meu percurso artístico. Pensei, refleti, pesquisei, e apresento uma das possibilidades que me leva a fazer esta pesquisa. Dei passos há um tempo remoto, quando a imagem pode ter me tocado a emoção.

PALAVRAS-CHAVE

Poética, fotografia, memória

ABSTRACT

The article presents a fragment of the research “A casa de Marlene”, which I develop in the Academic Doctorate in Arts, of the Federal University of Pará. A creation in the line of poetics and processes of acting in arts, of family and affective memories, in which fuse photography, video, sound, aroma and feeling. At a certain point in the creative process for the construction of a photo installation, I felt the need to know more about my artistic path. I thought, reflected, researched, and present one of the possibilities that leads me to do this research. I took steps a long time ago, when the image may have touched my emotion.

KEYWORDS

Poetics, photography, memory

A minha mente é um universo! Nela, os documentos do meu processo de criação são infinitos. Nem sei como a pesquisa “A casa de Marlene” surgiu. Nem sei se um dia haverá um fim. Esse ir e vir em um lugar de afetividade plena para mim – a casa de minha mãe - é bem movimentado. Por meio das fotografias e das leituras da academia, penso no que fiz e no que faço.

Era final de 2010 quando comecei a fotografar a casa onde eu morava com a minha mãe. Poucas imagens. Suavemente, no ano seguinte, segui na documentação fotográfica. Interrompi quando ela não estava bem de saúde. Continuei sem fotografar quando ela foi para o céu. Passou uma fração do tempo. Peguei a câmera, novamente, e dei continuidade pelo caminho da luz, da fotografia. Levei a poética para a academia. Veio o mestrado em artes e, agora, o doutorado. A poética vem trilhando a academia e interagindo com a poesia, a literatura, a música e os conceitos.

São dezenas de denominações para dizer sobre o que ocorre no ser de quem cria uma obra, ou de quem vai criando. Não há interrupção na mente. Ela funciona a todo o segundo, criando. Não há como tudo o que está na minha mente sobre “A casa de Marlene” sair, se materializar. Acredito, até que, mesmo que a quantidade de documentos do processo seja enorme, há muito mais em minha mente. É impossível eu falar, contar, dizer, confessar e escrever tudo o que a minha mente criou e cria para a existência desta poética. Salles (1998, pág. 12), chega a escrever sobre o “engenhoso labirinto da mente humana” e a “complexa lógica que envolve o ato criador”.

Não há linha reta nesse percurso. É repleto de ramificações e mais ramificações. Como a aceroleira do quintal da casa de minha mãe (Figura 1). Da terra, saía um tronco. Mas o próprio tronco transformava-se em dois, até determinada altura. Depois, grossos galhos... Em seguida, finos galhos... E mais finos... E mais finos... E as folhas... E a acerola vermelha. Abertura-fechamento, fechamento-abertura... Continuidade-interrupção, interrupção-continuidade... A todo instante. Fiz inúmeras tentativas para ver como funcionavam as fotografias e percebia que havia algo novo. “Esta é uma maneira bastante gestáltica de agir”, ressalta Stevens (1978, PGS. 343 à 356).

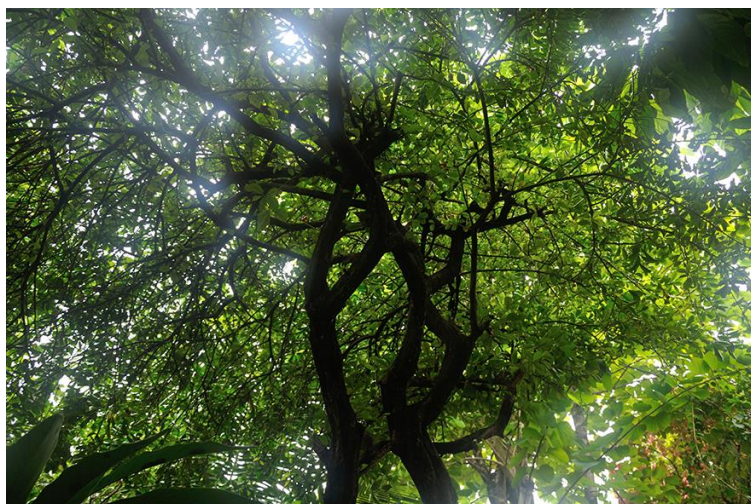


Figura 1. A casa de Marlene, 2012. Fotografia digital, 4288px x 2848px. Acervo pessoal, Belém (PA).
Foto: Suely Nascimento (1965-).

O que está materializado do processo “A casa de Marlene” e o que possa vir a ser materializado, é um tímido percentual desse universo. A maior parte está em meu íntimo, em meu interior, em minha mente, em minha memória, em minhas lembranças e recordações. Um universo subjetivo, invisível aos olhos e às mãos.

Onde está o início desse percurso? Não sei. Pode estar na minha infância vivenciada nessa casa física e imaterial. Ou na adolescência. Ou na juventude. Ou quando me formei em professora primária. Ou quando me transformei em uma advogada. Ou quando passei a ser jornalista. Ou quando iniciei na arte da fotografia. Ou quando fiz a documentação fotográfica do ofício do meu pai. Acredito que sempre haverá muitas possibilidades. E que nunca saberei quando iniciei essa poética.

Planejamento, não houve nenhum. Era emoção à flor da pele. Vontade de reter aquele tempo, aquele momento, aquele instante, aquela fração de segundo. Na minha mente e nas minhas emoções, tudo o que vivenciei na casa de minha mãe, tudo vai estar. No entanto, acredito que pensava na materialização do invisível. E a fotografia é uma boa companheira de vida. Ela faz “milagres”!

Se eu compreendo o que fiz? Não, na totalidade. É provável que um percentual. Fui fazendo... Quase todos os dias... O impulso em pegar a câmera e fotografar era enorme. E foi crescendo a cada dia.

O sistema de feitura da obra é complexo. É pessoal! Um movimento contínuo, em que num primeiro momento foi meio inconsciente. Sem a intenção de construir algo. Só ir fazendo, pouquinho a pouquinho.

No início da pesquisa na academia, em 2015, quando era ouvinte do Mestrado em Artes, da UFPA, procurava fotos da casa em vários grupos de arquivos. Tantas fotografias que ia mostrar pra minha mãe e não mostrei... Um sentimento no coração... E quando vejo algumas imagens que fiz, acho que treinei nas viagens esse projeto da casa... (Figura 2) Percebo que fotografava todo o ambiente onde eu ficava, colher no prato, vaso de flores, portas e janelas. Olho agora essas fotos e me remeto à casa. Interessante! Uma pesquisa vai surgindo. Bem delicadamente, há sinais que não são lidos e eles continuam a surgir, em um momento ali, em outro momento, e um dia, ele se apresenta com força, e com muitos elementos da casa, como as flores que lembram a minha mãe.

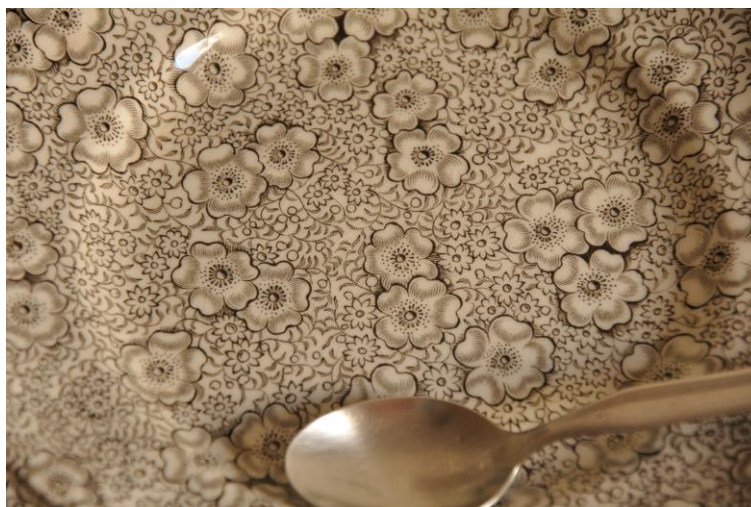


Figura 2. Berlin, Alemanha, 2010. Fotografia digital, 4288px x 2848px. Acervo pessoal, Belém (PA).
Foto: Suely Nascimento (1965-).

No primeiro semestre de 2017, segundo do mestrado, dei passos para trás e observei como fotografei a casa de minha mãe.

Os passos fotográficos

Pensei que houvesse iniciado a documentação fotográfica da casa de minha mãe, em 2011. No entanto, organizando os arquivos de fotografia, percebi que fiz fotos em um tempo anterior. Voltei ao tempo pelos rastros que tenho deixado nessa caminhada. E fui em busca do que já havia feito, envolvendo a casa de minha mãe. Foram meses a fio. Um movimento rico em emoção. Sinto que todo o meu ser envolveu-se com esse fazer. A fotógrafa Paula Sampaio, do Pará, chegou a falar algumas vezes que esse trabalho “é uma arqueologia de afetos”.

Eram meados de 2010 quando adquiri a câmera fotográfica Nikon D90, com a objetiva 18-105 mm. Havia uma certa moda em comprar por *site* americano. Experimentei. Deixei de lado um pouco a Nikon FM2 e sua lente 50 mm, por quem nutria um profundo afeto. Ela acompanhou-me por toda a criação de minha primeira documentação fotográfica, intitulada “Sonoro Diamante Negro”, que apresenta o trabalho de meu pai, Sebastião, proprietário da aparelhagem de som. (Figura 3)



Figura 3. Sonoro Diamante Negro, 1996-2004. Fotografia em película. Acervo pessoal, Belém (PA).
Foto: Suely Nascimento (1965-).

A nova câmera chegou no dia 2 de agosto de 2010, uma segunda-feira. E, às 11h46 do dia seguinte, estava posicionada no pátio da casa de minha mãe, e fiz a minha primeira fotografia digital e a primeira desta poética (Figura 4). Experimentava, simplesmente, o equipamento meio estranho às minhas mãos e aos meus olhos tão habituados a uma câmera em ferro e com película. Então, como Lancri escreveu, inicio esta poética “do meio de uma prática, de uma vida” (2002, PAG. 12).

No frame, o caminho de entrada da casa, a caixa de Correios e as plantas do jardim, muitas plantas... Lembro que o meu pai falava assim: “Minha mulher, tá bom de desbastar aquela mata...” E a minha mãe, que gostava muito do verde que brotava de todas as partes da casa, deixava as folhagens se desenvolverem, se desenvolverem...

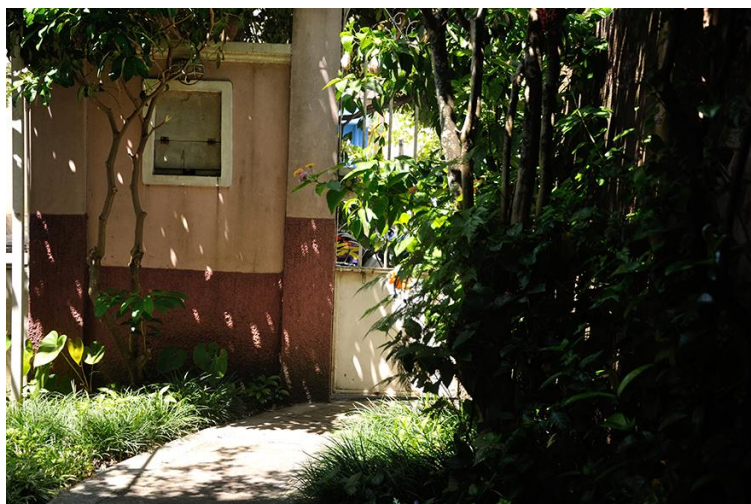


Figura 4. A casa de Marlene, 2010. Fotografia digital, 4288px x 2848px. Acervo pessoal, Belém (PA).
Foto: Suely Nascimento (1965-).

Naquele instante capturado do meu dia-a-dia não fazia a ideia de que, meses depois, iria iniciar uma documentação fotográfica do lugar mais íntimo da vida de minha mãe. E estava apenas experienciando as funções desse aparato, as lentes, o obturador, o diafragma...

Nessa manhã, até às 11h48, havia capturado quatro imagens do jardim. Fiz um exercício de aproximação do portão de entrada; e uma última das folhagens e das flores do “brinco-de-princesa” enroscadas nos entrançados de um caramanchão.

Familiarizada em manusear filme fotográfico até àquele momento, decidi continuar a criar um arquivo digital que tivesse um caráter de película. Fotografei e, em seguida, continuei a capturar imagens no Formato de Arquivo de Imagens Estáticas NEF (RAW). Tempos depois, diante da tela do notebook, criava outros arquivos, tudo em JPEG para poder trabalhar com as imagens digitais.

À tarde, continuei essa experimentação. Às 15h06, dois frames do janelão da varanda, com sua colorida bandeira. E assim, com a ausência da consciência, iniciava o percurso fotográfico de “A casa de Marlene”, no que é possível perceber materialmente.

No mês seguinte, fiz apenas uma fotografia. Enquadrei o vaso que sempre a minha mãe colocava sobre o consolo à entrada da casa, em frente a um grande espelho de família, que aparece nas fotografias de nossas festas de 15 anos, minha e das minhas irmãs Ana Lúcia, Cristina, Andréa e Patrícia. No interior do vaso, as flores em tecido, meio alaranjadas meio róseas, com as folhagens em vários tons de verde. Pena que a

imagem foi capturada em baixa velocidade, às 19h20. Aprendia, ainda, o manuseio dos “botões” do novo equipamento.

Outubro chegou trazendo a novena de Nossa Senhora de Nazaré. Minha mãe era uma líder religiosa no bairro onde morava. E, uma de suas ações, era organizar e dirigir a novena que levava de casa em casa dos devotos da Virgem, por anos a fio. No dia 3, à noite, minha mãe estava fazendo a sua última novena do Círio em nossa casa, com toda a família e um significativo número de vizinhos. Nem passava pela cabeça de suas filhas tal fato... Timidamente, fiz cinco fotografias durante esse encontro fraterno que ocorreu na sala, na varanda e no corredor. Direcionei as lentes da câmera para dois vasos ajeitados pela minha mãe e fiz cinco fotos. À época do Círio, ela enfeitava os vasos espalhados pela casa com flores em tecido na tonalidade amarela fazendo referência à cor muito utilizada pela Igreja Católica (Figura 5). Um dia especial! Também fiz fotos da novena. Meu pai estava ao lado de minha mãe.



Figura 5. A casa de Marlene, 2010. Fotografia digital, 4288px x 2848px. Acervo pessoal, Belém (PA).
Foto: Suely Nascimento (1965-).

As mudanças em nossas vidas – minha e das minhas irmãs, iniciava em novembro. Nessa época, estava em meio aos preparativos do lançamento do livro de fotografias “Sonoro Diamante Negro”, pelo programa Conexão Artes Visuais 2010, realizado pela Funarte/Minc/Petrobras. Na noite do dia 18, o livro ia ser apresentado na sede social do São Domingos Esporte Clube Recreativo e Beneficente, no bairro Jurunas, em Belém, em meio a um Baile da Saudade. Tudo aconteceu. Mas meu pai não esteve presente. Ele veio a falecer de câncer três dias antes, no feriado nacional da Proclamação da República do Brasil, quando o caminhão da transportadora que trazia os livros de São Paulo estacionava em frente à nossa casa. “Perdi o meu

companheiro”, disse a minha mãe, que consentiu a realização do evento, pois acreditava que era uma boa homenagem ao meu pai.

Ela tinha uma alegria interior que exalava para todos com quem convivia. Seu olhar foi se entristecendo. E sua saúde foi ficando meio fragilizada.

Passadas duas semanas, fiz três frames do Sagrado Coração de Jesus que, desde a época da construção da casa pelos meus avós, nos anos 1950, figurava em local de destaque na sala, com uma pequena lâmpada vermelha, sempre acesa. Eram 19h20, e minhas irmãs, um dos seus genros e as netas, enfeitavam a árvore de Natal, que ocupou o retângulo do quarto frame. E percebia que sempre fotografava em formato paisagem.

E o final do ano de 2010 encerrou com 16 fotografias do início de uma poética que percebi pelas provas-contato, já estava dentro de mim. Recordo-me que, no livro “Sonoro Diamante Negro” escrevi: “Os anos 1990 estavam quase findando quando o meu pai teve que se submeter a uma cirurgia de coração. Foram momentos de tensão. Decidi fotografar o sonoro Diamante Negro. Eu queria saber mais sobre a história do Diamante Negro, que é entremeada à história do meu pai...” E, como Soulages escreve: “nunca se fotografía otra cosa que palabras, nunca se escribe otra cosa que imágenes” (2011, PAG. 103).

Um inventário fotográfico

Esta reflexão sobre a construção da poética “A casa de Marlene” vem ressaltando pensamentos e sentimentos a partir do instante em que os meus olhos pousam nas cinco planilhas que fiz no computador, utilizando o programa Exel, para criar um inventário do banco de fotografias que fui produzindo ao longo de quatro anos, ao capturar imagens da casa de minha mãe (Figura 6).

Para mim, era importante eu me aproximar do que eu realmente construí nessa poética. Entrar no coração desse percurso e saber os anos, os meses e os dias que fotografei a casa de minha mãe, pois compartilho do pensamento Bertucci: “las fotografías sean huellas materiales de lo real explica sufuerza como prueba, como evidencia de que algo sucedió” (2011, pág. 93).

O levantamento foi sendo montado a partir do mês de maio, em 2018, do quarto e último semestre do mestrado. Cada dia, trabalhava algumas horas nessa pesquisa. Horas de dia, de tarde, de noite, de madrugada...

Meses antes, havia sido a organização de tudo o que havia de fotografia digital no computador que eu utilizo. Em seguida, passei a organizá-las por dia, criando pastas e mais pastas digitais de arquivo. O passo seguinte foi a materialização das imagens, por meio das provas-contato, dia a dia. E depois a edição de imagens.

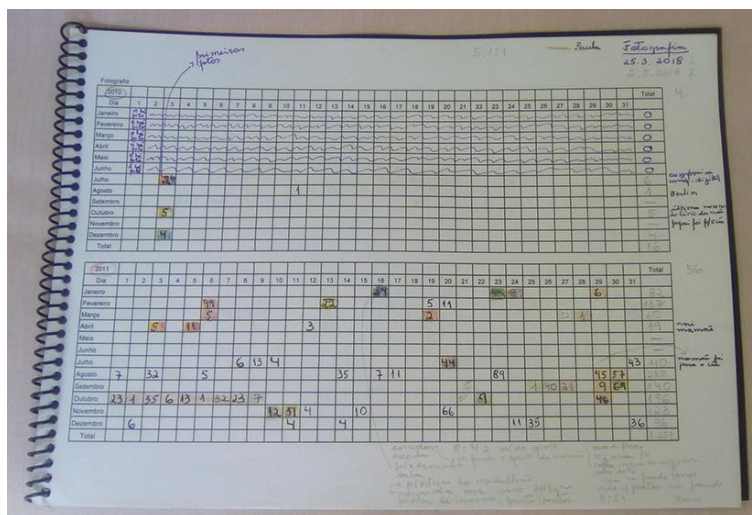


Figura 6. A casa de Marlene, 2018. Fotografia digital, 3192px x 2160px. Acervo pessoal, Belém (PA). Foto: Suely Nascimento (1965-).

No alto esquerdo da página, o ano. Abaixo do ano, os meses do ano. Os dias seguem em uma sequência na parte superior da planilha. E os dias vão sendo povoados no entrelaçamento destas duas informações básicas. E esse trabalho foi surgindo... Nem acredito que cheguei nesse ponto da pesquisa. Gostei de saber de todas as coisas que saltaram desta matemática fotográfica. E com as planilhas, dá para ver tanta coisa... Primeiro, um início e um fim material desse fazer fotográfico, em princípio, de 2010 a 2014. E o número de imagens que capturei nesse período:

2010 – 16 fotos
2011 – 1.251 fotos
2012 – 1.452 fotos
2013 – 1.568 fotos
2014 – 864 fotos
Total – 5.151 fotos

No entanto, o que os pequenos quadradinhos do dia-a-dia da captura de imagens me revelam, até a mim que criei esse processo, não tem finitude. São infinitas as camadas desta poética. Aqui, discorro apenas algumas poucas percepções.

A construção diária deste inventário foi possível a partir do levantamento minucioso das 169 provas-contato (Figura 7) que decidi fazer pela minha práxis na fotografia à época de um intenso manuseio com o filme fotográfico, a película, o negativo e todo o universo analógico desta experiência. Trouxe, assim, de modo bem consciente, a prova-contato para esta poética que é completamente digital. Até conseguir um profissional que a montasse frame a frame e de maneira assertiva, não foi fácil. Além de imprimir em papel fotográfico. Mas para a minha organização interna, foi uma prática fundamental.



Figura 7. A casa de Marlene, 2017. Acervo pessoal, Belém (PA). Foto: Suely Nascimento (1965-).

E diante dos pequenos retângulos em dezenas de papéis fotográficos, fui fazendo esse levantamento, preenchendo também outros pequenos - agora quadrados - de números que me dizem tanto da casa de minha mãe. Assim como a ausência de números nesses minúsculos espaços geométricos. Uma ausência do meu fazer, do meu pegar na câmera, do meu impulso de fazer um click ou uma captura do instante vivido. E pensar sobre “las complejas relaciones que las fotografías mantienen con el espacio y el tempo”, como escreve Bertucci (2011, pág. 103).

À época que minha mãe foi para o céu

No dia 16 de janeiro de 2011 retomei a câmera. Às 8h42 saí do meu quarto e posicionei as lentes em direção ao quarto que minha mãe dormia. Enquadrei o corredor e ao fundo, uma parte de sua cama e de um janelão que dava para um pátio que ela gostava muito. Desci as escadas fotografando. Fui descendo. Quase no final da escada, enquadrei a sala com sua janela de vidros esverdeados, desde à época de sua construção.

Continuei o trajeto. Pela primeira vez, percebo tudo isso ao ver o processo nas imagens e ao escrever este texto. Estou impressionada. Só sabia que foram inúmeros os dias que acordava com a câmera na mão.

Foquei em um dos quatro vidros que compõem um medalhão idealizado pelo meu avô Benedito, que pediu para a sua filha do meio, a minha mãe, pintar (Figura 8). Ela era uma jovem que gostava de pintura. Naquele momento de outrora, fez o desenho nos vidros, colocou-os sobre a mesa e construiu esta obra posicionada no alto da parede que divide a varanda e uma área que dá para o jardim de inverno. O motivo foi o seu preferido, as flores. Hoje percebo que procurava a presença de minha mãe no físico-material da casa.



Figura 8. A casa de Marlene, 2011. Fotografia digital, 4288px x 2848px. Acervo pessoal, Belém (PA).
Foto: Suely Nascimento (1965-).

Capturei, ainda, detalhes do jardim de inverno, de imagens de santo no quarto, de vasos de flores, da cozinha, da copa, da mesa de refeições, da sala de tv, do antigo quadro da Ceia dependurado na parede e de uma rede de tonalidade rósea em meio a pratos de parede, uma foto que sempre me acompanha nessa poética.

Percebi no arquivo destas fotografias, desse dia, os horários em que elas foram feitas. E me surpreendo. Concluí esse trajeto às 8h51. Então, este pequeno embrião da poética foi feito em 9 minutos.

Percebi que fiz fotos no dia do aniversário dela, dia 12 de abril. Há poucas fotos.

Depois, passaram os dias e os meses de maio e de junho. Reparei que não fiz nenhuma fotografia. Momentos delicados no estado de saúde de minha mãe. Não queria saber de fotografar. Havia maneiras mais fortes de estar com ela.

E julho chegou. Fotografei dia 8, dia 9 e dia 10. De manhã cedo, no dia 20, fotografei a casa. Silenciosa. Toda ajeitadinha. Acho que arrumamos bem direitinho, do jeito que a mamãe gostava, pois ela iria chegar do hospital. Acolhemos a nossa mãe com flores amarelas... (Figura 9) Foi uma alegria! Acho que a casa estava alegre, iluminada com a luz do sol... Nessa época, ela ficava no quarto do primeiro andar e minhas quatro sobrinhas brincavam no quarto dela, lá em cima! Pensativa... sinto-me neste momento...

Arquivo de fotografias à época em que a minha mãe foi para o céu, dia 29 de julho de 2011. Cheguei até ele. Sentimentos, lembranças, recordações, saudades... Mistura de tantas emoções! Um momento delicado.

No universo desse tempo, estão as fotografias de antes e de depois desse dia. Tantas vivências estão em mim!



Figura 9. A casa de Marlene, 2011. Fotografia digital, 4288px x 2848px. Acervo pessoal, Belém (PA).
Foto: Suely Nascimento (1965-).

Minha mãe foi para o céu na manhã do dia 29 de julho de 2011. Pousei a câmera.

Fiz um passeio saudoso pela casa, após dois dias. Acho que queria conversar com ela... Fotografei detalhes, o quintal... Foram as primeiras imagens... Há um silêncio... Uma melancolia nos retângulos das fotografias... São fotos tão introspectivas... silenciosas... há um clima... o quarto de minha mãe... roupas dependuradas no varal... a luz entrando pelas janelas... “La fotografia reproduce el mundo visible”, como pensou Alan Sekula (1978, pág. 40). Fiz a foto do Sagrado Coração de Maria (Figura 10), que ficava dependurado na parede da cama de minha mãe e do meu pai. Que eu me recorde, essa imagem sempre esteve lá. Numa ocasião, minha mãe mandou até pintar, novamente, a imagem.



Figura 10. A casa de Marlene, 2011. Fotografia digital, 4288px x 2848px. Acervo pessoal, Belém (PA).
Foto: Suely Nascimento (1965-).

Por meio das lentes, toquei suas flores... Elas estavam tão lindas e viçosas em um tempo depois... ornamentavam incrivelmente os ambientes da casa... o jardim... o quintal... as áreas... como o jasmim de São Benedito... As flores estavam “cheias”, em todo o seu esplendor! Naquele momento, fotografar era uma forma de estar com a minha mãe.

Em agosto, continuei a documentação fotográfica. Percebo que as fotografias desse mês dão uma sensação de que a casa estava vazia, de que alguém havia viajado – por um tempo – e deixou tudo ajeitadinho... Na ópera Stabat Mater, a personagem cantava: “Ó, mãe, fonte de amor!”.

Esses momentos, foram pinçados do inventário fotográfico – “série infinita de outras imagens”, ressaltada por Rouillé (SOARES apud ROUILLÉ, 2010, págs. 243-246) - que revela parte da construção da poética “A casa de Marlene”. É um longo e profundo arquivo, que posso ir abrindo cada caixinha secreta dos dias fotografados, em três momentos descobertos no percurso das imagens: o jeito como minha mãe ajeitava a casa, a desconstrução da casa e o vazio da casa; e que podem vir a ser apresentados no seguimento de seu próprio trajeto poético.

Considerações Finais

Os registros da casa de minha mãe e a construção da poética que passou pelo mestrado e está presente no doutorado, me levam a reflexões. E esse fragmento reflexivo é importante para eu organizar o processo criativo que penso em apresentar ao final do doutorado, por meio de fotoinstalações. Em experimentações criadas no percurso de disciplinas, tenho (re)criado lugares de afeto da casa. O quintal com suas plantas diversas e o canto dos passarinhos ocupou uma das salas do prédio da pós-graduação. E a lembrança da cozinha onde fazíamos refeições, junto com um áudio do burburinho de um remoto almoço em família, preencheu outra sala. Este artigo, então, contribui para os rastros que venho criando em direção ao fechamento da gestalt acadêmica.

Referências

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia. In: O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

NASCIMENTO, S. Sonoro Diamante Negro. Belém: Teia, 2010. 72p.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.

SEKULA, Alan. Desmantelar la modernidade, reinventar el documental. Notas sobre la política de la representación. Madrid: La Fábrica, 1978.

SOARES, Lilian. A fotografia: entre documento e arte contemporânea, de André Rouillé. In: 246 - Revista Poiésis, n 15, p. 243-246, Jul. de 2010.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

SOULAGES, François; SOLAS, Silvia; BERTUCCI, Alejandra. Ausencias, Fotografía, temporalidad y política. In: Ausencia y Presencia: fotografía y cuerpos políticos. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2011.

STEVENS, Barry. Não apresse o rio (ele corre sozinho). São Paulo: Summus, 1978.

TODI, Jacopone da. Stabat Mater. Itália, século XIII.

Suely da Silva Nascimento

Aluna do Doutorado Acadêmico em Artes (2018-2022), do PPGArtes/ICA/UFPa (Bolsista Capes). Na linha de pesquisa "Poéticas e processos de atuação em artes", desenvolve a pesquisa "A casa de Marlene", sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Valzeli Figueira Sampaio. É premiada pelo Instituto de Artes do Pará (2003), Fundação Nacional de Arte (2010), Porto Seguro de Fotografia (2010) e Diário Contemporâneo de Fotografia (2020). Expôs em Belém, São Paulo, Salvador e Fortaleza. Contato: suelysn@gmail.com.